

Intervenção do Senhor  
Deputado Manuel Azevedo  
no período legislativo de  
Abril 2002.

Senhor Presidente  
Senhores Deputados  
Senhores Membros do Governo

Contar histórias daqui, desta tribuna, não é muito comum. Mas pode ser útil para perceber - quem dera que também sentir! – realidades que, de tanto referidas num discurso normal, não colam, não impressionam, passam ao lado de quem precisa abrir a mente e o coração às necessidades dos outros. E os outros, aqui, são os chamados sinistrados, as vítimas do sismo de 9 de Julho de 1998 (já foi em 1998!), vítimas, sobretudo, da teimosia que engendrou um complexo processo de reconstrução, da arrogância de quem manda e não dialoga, da incompetência de projectistas, empreiteiros, fiscais, funcionários e responsáveis do CPR. Vítimas, ainda, da propaganda governamental na entrega de casas recuperadas, no anúncio de números de casos resolvidos, no debitar de milhões e mais milhões!...

Contar histórias, neste caso, agora e aqui, terá a conveniência de não as ver desmentidas, pelo menos por aqueles membros da Comissão de Acompanhamento da

Acção Governativa na Reconstrução dos Estragos do Sismo de 9 de Julho de 1998, que estiveram quatro dias no Pico, recebendo as queixas das pessoas ( e tantas são, ainda! ) que se sentem lesadas neste processo.

- Abalaram coa casa há quase um ano e nunca mais apareceram. Dizem que a empresa quebrou! – desabafava o Ti António, cansado de incomodar o filho e a nora e mais os dois netos, a viver mal por sua causa e da patroa que já ia nos 60.

- Nem durmo bem, senhor, coa desgracia que nos caiu em cima. Se tivessem deixado a casa, sempre dava para abrigar a cabeça, mesmo a meter muita água.

- Não digas isso, home! Querias tar naquela ratoeira? - atalhava a mulher que, assim, estava mais perto dos netos. Quando levaram a pedra e as tábuas de pinho do soalho, disseram-lhes que iam começar prá semana, mas já tinham passado muitas, quase um ano, e nada. Promessa daqui, promessa dacolá, muitas idas à Madalena para falar com o senhor do CPR que nunca podia. Encontrava, sim, a postiça simpatia das meninas que não resolvem nada ou que dão desculpas esfarrapadas.

Apareciam na terra muitos que se diziam fiscais ou que pareciam mandar nas obras, mas também não sabiam ou não queriam dizer nada. E o senhor António que, em novo, até fazia umas coisas de pedreiro, via e pasmava das asneiras que uns principiantes daquelas artes iam fazendo.

E não se podia dizer nada!... Quando aparecia algum encarregado a quem reclamar, lá se atamancava o que estava mal feito. Raramente se mandava demolir e fazer de novo, bem.

E, assim, iam passando os dias e o Ti António a ver trabalhar noutras casas, sem perceber isso a que chamavam prioridades. Tinham-lhe dito que havia uma lei para os velhos e deficientes serem os primeiros, mas ele não via nada disso na sua freguesia. - Que era o mesmo nas outras terras! – confessara-lhe o vizinho.

Falava várias vezes com o Presidente da Junta, que até era seu sobrinho, mas ele não podia dar jeito nenhum: - ó tio, eles não querem que a gente se meta nisso! O velho António não entendia nada: o João sempre era Presidente da Junta e isso já não valia?

Não valia, não! O que valia é que, passados quatro anos do sismo e quase um desde que lhe tinham abalado com a casa, andava ele pr'ali a matar as horas e os dias, à espera...

Como o Ti'António e a patroa, andam muitos no Pico e no Faial a matar os dias, esperando que chegue a hora... Admirados porque não se atendem às prioridades legais para os idosos... Boquiabertos porque não conseguem perceber como é que as autoridades, que estão ali tão perto, as das Câmaras e das Juntas, foram postas, ostensivamente, à parte deste processo, quiçá com receio

de protagonismos... Tristes, ao ver erguer construções que se percebem mal feitas e sem poderem dizer e fazer nada... Incrédulos por ver enterrar dinheiro, inutilmente, em obras mal projectadas, mal programadas e, sobretudo, mal executadas... Inconformados por estarem na casa de familiares, há tanto tempo, quando a expectativa era por poucos meses ou medrosos porque continuam a viver, perigosamente, nas suas casas semi- arruinadas...

.Já tinha 70 anos quando, naquela madrugada de 9 de Julho de 1998, tudo tremeu e a casa se escaqueirou. “Estava amanhadinha de novo” com a ajuda de parentes e amigos que, contado o dinheiro das magras pensões, quase não deu para o cimento. “Sempre se pôs com dono um bocadinho de terra no Arrodeio que deu para comprar as tintas!”.

A Tia Deolinda vivia com dois irmãos bem entrados nos sessenta: a irmã, acamada, ali ao lado, gritava de susto e ao irmão, surdo-mudo, tacteando, foi encontrá-lo no quarto contíguo, petrificado de pânico. Na escuridão, gritou por socorro, mas este demorou... Naqueles assados, a quem acudir primeiro? Valeu que o dia não demorou a clarear...mas com ele veio o desânimo: foram aparecendo as mazelas nas paredes, no tecto, depois no balcão. Louças partidas e a televisão ali caída, desventrada. Até uma pequena cozinha, atrás da casa, onde no forno de lenha se

cozia o bolo e o pão de milho e, outrora, os folares e as rosquilhas, não escapou e desabou, inteirinha.

A casa não parecia ir desabar. Com a ajuda dos vizinhos, limpou-se o que se pôde e ali ficaram mais uns dias e longas noites...sempre medrosos, porque um susto daqueles leva tempo a esquecer. Apareceram uns senhores do governo, depois uns senhores engenheiros: que deviam sair dali porque a casa não oferecia segurança! “Ir pra onde?” – interrogava-se a Tia Deolinda. “Vai haver uns pré-fabricados de madeira, mas quem resolver o seu problema sem eles vai ser dos primeiros a ter a sua casa pronta.”

A tia Deolinda pensou, pensou...- Como ir com uma irmã acamada e um irmão surdo-mudo para uma barraca de madeira, isso que os meus senhores diziam ser um pré-fabricado?

Os sobrinhos souberam do imbróglio e vieram dizer que fossem “lá pra casa”. Era uma casa razoável e tinha-se aguentado! Sempre era por pouco tempo!...

Mas a tia Deolinda e os seus irmãos lá continuam, enfezados, pelo incómodo que, durante estes anos, têm dado aos sobrinhos que, mesmo assim, os tratam muito bem!

O pior é que ninguém consegue explicar ao irmão, surdo-mudo, esta demora e já não se aguentam as mais variadas e até agressivas manifestações de revolta. Pudera, se os que ouvem e falam também não entendem!

Senhor Presidente  
Senhores Deputados  
Senhores Membros do Governo

Como a tia Deolinda, vários são os repetentes nisto de virem contar os seus dramáticos (porque não dizer inacreditáveis!?) casos aos deputados da Comissão. Nestes quatro anos, quantas vezes já as disseram aos senhores mais influentes da freguesia que são do partido do Governo, aos senhores deputados da ilha, sobretudo aos do partido do Governo, aos senhores das obras, aos fiscais e a tantos que aparecem por lá e que as tias deolindas não conhecem, mas que trabalham para o Governo ou, com um pouco de sorte, talvez sejam do Governo. Nestes quatro anos, quantas vezes já desabafaram com o Presidente da Junta, com o Presidente da Câmara ou com o Vereador, porque estes pelo menos ouvem. E nada... para além de prazos não cumpridos pelo CPR e pelos empreiteiros.

A Lídia vive com o marido que é carpinteiro e “que já podia ter feito tanta coisa co’ a sua mão nesta casa”. A construção estava parada há um ano e o casal com os seus três filhos pequenos a viver, todo este tempo, “como só Deus e a gente é que sabem”, num pré-fabricado de madeira.

- O meu fez, ao lado, um barracozinho de madeira onde faço a comida. Sempre não fica tudo a cheirar a fritos! – Era uma pequena parte da história da Lídia que, já de pé, desabafava:

- O senhor Contente falou comigo. Eu disse-lhe que ele andava muito contente com o andamento das obras, mas que eu estava muito descontente!...

Tantas lídias, por aí, com as casas começadas, abruptamente interrompidas, recomeçadas uma e outra vez, sem que ninguém saiba o porquê. Meses sem obra, dias difíceis, sobretudo para os mais novos, os filhos, para quem sempre sonharam uma vida melhor...

Quantos carpinteiros como o marido da Lídia, pedreiros, pintores gostariam de ter trabalhado na recuperação, a tempo e horas, de suas casas. Nem era necessário muito dinheiro. – Bastavam uns 1 000 contos! – tanto quanto pediu o André para meter mãos à obra e concertar a sua casa. Os senhores do Governo não quiseram... Soube, depois, que o empreiteiro tinha cobrado 13 000 contos pelas obras que, enfim, tinham terminado. – Se as tivesse feito eu, não tinham ficado piores!...

- Ó senhor, fizeram obras e a casa não tem lugar nenhum que vede. O chão já empolou. As mobílias estão cheias de bolor, tantas são as águas! A chaminé derrama como um cesto! Ó senhores, não tem nada em condições!... - era a

mulher do Fernando do Alto que se lastimava do estado da sua casa, depois daquilo a que chamaram reabilitação. E eles que tinham visto tudo, assim, a ser mal feito e sem poderem piar. – Não têm nada que se meter nisto! – resmungavam-lhes. Os senhores fiscais é que sabem.

O Carlos está a trabalhar, não pôde vir, mas manda um recado pela filha:

- O nosso tecto está a deslizar para os lados de S. Roque! As janelas da frente todas metem água. É uma desgraça!

A cabeça branca do senhor Leonel era o testemunho de que a sua amargura era sentida: - Tem começado outras e não acabam as que estão por acabar!...

Um sem fim de estórias, umas menos complexas, outras mais complicadas outras, ainda, dramáticas, algumas patéticas, absurdas.

Aquela de dizerem à Liduína que os estragos provocados pelo sismo tinham acontecido porque a casa tinha sido mal construída de raiz e, por isso, não recebia apoio, era demais!

- Isto não lembrava ao diabo!- barafustava. Então, porque é que tinham ruído as casas todas? Porque é que tinham ficado danificadas? Não era por isso, também!?



Tinha vindo de longe. O vizinho António dera - lhe boleia. Não fora assim, não teria chegado ao centro da vila para falar com aqueles senhores. Falar com mais senhores, outra vez! – magicava, incrédula. E para ali ficou, no meio daquela sala cheia de gente, à espera que conseguisse dizer da sua mágoa, do seu drama.

- Moro sozinha mais Nosso Senhor! Estou velha e doente. Perto, vou morrer! Não me concertam a minha casinha e também não a vão arranjar para Nosso Senhor!

E vinha o José António reclamando do pouco dinheiro que lhe queriam dar

para ser ele a tomar conta das suas obras quando as outras, por empreitada, custavam milhares e não eram assim tão bem feitas!...

E chegava a Olívia dizendo não ter recebido, ainda, o dinheiro dos trabalhos a mais que a obrigaram a fazer na sua casa...

E entrava o Fernando: - Que o arquitecto era teimoso – uma boa espadilha!- e não queria que se mudasse uma parede!

Que alegria, a da Arminda, que, um destes dias, viu entrar no seu terreno os mestres para começar a casa...Não

consegue, ainda hoje, disfarçar o espanto e a desilusão por, poucas horas passadas, os mestres terem abandonado o local porque, disseram, “a casa não cabia no terreno”!

E a Maria, de mãos a abanar, sem um bocado de terra, nem dinheiro para o comprar...

Senhor Presidente  
Senhores Deputados  
Senhores Membros do Governo

E este CPR e o Governo que o tutela não ouvem e, se ouvem, não entendem os José Antónios e as Olívias, os Fernandos e as Armindas que continuam reclamando, na esperança que alguém os ouça...

E este CPR e este Governo que o tutela não vê e, se vê, não enxerga os Tios Antónios e as Tias Deolindas, o senhor Leonel e tantos outros que, por aí, se vão arrastando, desanimados à espera...

Disse.